

B I B L I O T E C A
D R A M A T I C A P O P U L A R

N.º 213

JOÃO DA CAMARA

A ROSA ENGEITADA

Drama em 6 actos

ORIGINAL

*Representado com extraordinario successo
nos theatros Apolo, em Lisboa, Carlos Alberto, no Porto
e D. Maria Pia, no Funchal*

3.ª EDIÇÃO



Livraria

14

RU

LIVRARIA
FERREIRA & FRANCO, L.D.A
Secção Teatral
R. HORTA SÊCA, 3
LISBOA Telef. 2 1446

o Franco

RÓS

18

0410700 565

B I B L I O T E C A
D R A M A T I C A P O P U L A R

N.º 213

JOÃO DA CAMARA

A ROSA ENGEITADA

Drama em 6 actos

ORIGINAL

*Representado com extraordinario successo
nos theatros Apolo, em Lisboa, Carlos, Alberto, no Porto
e D. Maria Pia, no Funchal*

3.^a EDICÃO



1 9 2 9

Editoria Popular de Francisco Franco

14 RUA BARROS QUEIRÓS 18

— : — (Vulgo, T. de S. Domingos) — : —

L I S B O A

ACTORES

ROSA	Adelina Ruas	1962
MARCOLINA	Maria das Dores	Galanda
D, PLACIDA	Elisa Aragonéz	Greca de Porto
JULIA	Maria Marques	Marques
JOÃO REYNALDO	Ernesto do Valle	
FORTUNATO	Luciano	
AUGUSTO CESAR DE ARRAIOLOS	Torres	
CHICO DA ARRUDA	Caetano Reis	
MALACUECO	A. Machado	André de Aguiar
O DONO DA TABERNA	E. Soares	
UM GALLEGO	Ferreira	
UM CEGO	Peixoto	
UM CAPATAZ	Baptista	
UM TRABALHADOR	N. N.	
UMA MULHER	N. N.	
UM CHEFE DE POLICIA	Mendonça	
UM ESCRIVÃO	M. Ferreira	
UM POLICIA	Frederico	
OUTRO POLICIA	Pinheiro	

Nota importante — Este drama pôde ser representado só com tres damas, dobrando a central os papeis de *Marcolina* e *D. Placida* e eliminando a *rabula* classificada na distribuição por *uma mulher*.

Editor: Francisco Franco — Composto e impresso na Technica Tipografica, Rua da Rosa, 24 — Lisboa

ACTO I



Uma horta nas proximidades de Lisboa. A' E. a casa e uma mesa. A' D. parreira com mesa. Outra mesa máis pequena ao centro. Ao F. muro e porta para a rua. A' D. por detraz da parreira, ha uma sahida para a horta.



SCENA I

O DONO DA TABERNA, O GALLEGO e depois ARRAIOLOS e D. PLACIDA

(O Gallego acabando de pôr a mesa debaixo da parreira. O Dono da taberna aparece á porta de casa).

Dono — Bonito ! Com os bebados errastes um tostão para me-nos, aos outros carregaste dois tostões e ficaram fulos. Resultado : uma descompostura e um tostão perdido.

Gallego — Que xe perca no binho, que xe perca nas iguarias, extá direito ; mas xe metto a unha e perco, foi distraxon.

(Entram Arraiolos e D. Placida, que vêm do interior da casa.)

Arraiolos *(palitando os dentes)* — Entre sem receio, D. Placida ; estamos absolutamente sós. Vae saber-lhe melhor o café ao ar livre.

Dono — E que tal o trataram, sr. Arraiolos ?

Arraiolos — O chispe estava de estalo !

D. Placida — A mim o que mais me seduz é a linda tarde de primavera ! Todas as cidades deviam ser edificadas no campo !

Gallego — E' xempre axim. Tanto monta o chispe como a ca-bexa.

Arra olos — Perdão. No homem a cabeça que fita os olhos nos espaços é rainha dos membros. Tanto monta o chispe como a ca-beça, mas só no porco. Quanto á sua exclamação, sr.^a D. Placida, deu-me uma idéa luminosa para quando eu fôr vereador.

Gallego — Tudo bai do fajon branco. *(Baixo ao Dono)* Carre-go-lhe meio toston na conta. *(Alto)* Bai caféjinho ?

Arraiolos — Se está fresco...

Gallego — Parexe-me que debe estar excapatorio.

Dono (para o gallego) — Dois cafés.

Gallego — Bém n'um rufo. (*Entra em casa*).

Arraiolos — Está isto por aqui muito solitario hoje.

Dono — Quinta feira. E' sempre dia morto cá para estes lados,

D. Placida — Melhor. Gosto pouco de arejar em má companhia. Quem attingiu certa posição...

Arraiolos — Claro está. Todos sabem, porque tenho alto pré-gado as minhas doutrinas, que sou egualitario; mas julgo e provo que a egualdade tem limites. Subi pela intelligencia, pela moralidade, pela economia; separei-me do meu grupo; o grupo que suba para ir ter comigo, não sou eu que devo descer para vir ter com elle.

Dono — A seis, oito, dez por cento ao mez, o sr. Arraiolos trepou depressa.

D. Placida — Sempre foi assim trepador.

Arraiolos — (*modestamente*) — Sr.^a D. Placida!

D. Placida — (*para o Dono da taberna*) — Quando elle começou a levantar olhos para as minhas janellas, levava sempre na bocca um charuto de dez reis. pois fumava-o com tão bonito ar que eu sempre cuidei que era um charuto de vintem.

Arraiolos — A sociedade impõe-nos deveres. E' por isso que não venho ás hortas com a tropa dos domingos.

D. Placida — Crédo!

Dono — Pois, por hoje, parece-me que pode estar descansado. Um visinho seu é que ha de logo vir ahi; Fortunato. Conhece-o.

Arraiolos — Um bom homem.

Dono — Elle, a filha e o futuro genro, um que é serralheiro no Arsenal. Foram dar uma volta pela horta, a deixar esfriar o peixe.

D. Placida — Peixe!... Nós cá comemos porco, que é muito mais fino.

Arraiolos — Nem todos sabem as regras do bem viver. Mas é boa gente. O Fortunato o que lhe faltou foi geito para a vida. Se elle tivesse querido... Um mestre d'obras tem sempre maneira de governar-se.

Dono — Dizem que é muito honrado em contas.

D. Placida — E' muito grosseiro tambem. Ainda hontem passou por mim e cumprimentou-me: — «Sr.^a Placida!» Ora uma coisa que me faz ferver é que não me dêem dom. — «Sr.^a Placida!» Não é que eu seja tola; mas não posso!

Arraiolos — São praxes da sociedade que não é licito faltarse. O proprio marido deve guardar o *tu* familiar para os mystérios da alcova. Cá fora digo sempre: — D. Placida.

Gallego (*entrando*) — O caféjinho.

Arraiolos — Intelligencia, moralidade economia, E' a divisa

com hei-de ir longe. Mas que vemos nós em geral? Estupidez, relaxação e desgovernos. Olhem para este relógio. (*Mostra o relógio que traz na algibeira*). Quanto vale? Oito mil reis a olhos fechados. Sabem por quanto me ficou? Por seis tostões!... Um desgovernado, casado, cheio de filhos, todos com fome, um d'elles muito doente... A condição foi havia de desempenhar o objecto no fim da semana. Apareceu quinze dias depois, com uma grande lamuria... que o pequeno tinha morrido... Como se eu tivesse alguma coisa com isso! Depois berrou fez escandalo... Tratante. Como não sabe que pago licença... Uma coisa que eu tinha feito para obsequial-o! Outro fosse eu, com menos consciencia, nem um cruzado lhe tinha offercido.

Dono — E' que deixar por seis tostões o que vale oito mil reis

Arraiolos — Cada um governa-se.

Gallego — Ixo é que é xabedoria!

Arraiolos — Este amigo, por exemplo, quando alguns bebem a mais, não lhes pede a mais tambem?

Gallego — Se eston bebados é lixito. Num xe embebedaxem.

D. Placida — Ai, bebados, que nojo! Vamos ao café, Augusto Cesar. (*Senta-se com Arraiolos á meza da E.*)

Gallego (*baixo ao dono da taberna*) — Carrego-lhe um toston.

SCENA II

Os mesmos JOÃO REYNALDO e depois FORTUNATO

João Reynaldo (*pelo D.*) — O' patrão, dá licença que lhe dê aqui um rabisco ás rosas?

Dono — Ora essa! O caso é ainda achar alguma, que teem levado agora uma cresta...

Fortunato (*pela D.*) — Vá, vá, ponto na jardinagem, e vamos ás pescadinhas!

Dono (*para o gallego*) — Traz a sopa. (*para Fortunato* Quem jantar aqui debaixo da parreira? mandei cá pôr a mesa.

Fortunato — Se é não mais caro... (*Chamando para fora*) então, Julia?

Julia (*fora*) — Lá vou, meu pae!

João Reynaldo (*para fora, brincando*) — Quer uma ajuda?

Julia (*fora, muito alegre*) — Muito obrigada!

Fortunato — Vamos, vamos. O negocio agora é mais sério. Quero ver como a salada é mexida. (*Entra em casa com o Gallego e o Dono da Taberna*).

SCENA III

ARRAIOLOS, D. PLACIDA, JOÃO REYNALDO
e depois JULIA

(Arraiolos e D. Placida estão sentados, tomando café).

Arraiolos — Nem sequer nos viu. Todo elle está no ar com o casamento da filha.

D. Placida — Pois olha que é fresco. Um serralheiro l...

Arraiolos — Lá vem a pequena. Está-se a pôr bem bonita

D. Placida — Aquillo!... Gabo-te o gosto.

Julia (entrando pela D. com um grande braçado de flores do campo, congossas, malmequeres, papoilas, bule-bules, etc.) — Vê!... Vê que lindo ramo!... São mais de cento e tantas flores!

João Reynaldo — O' pequena, olha que mais de cento e tantas são pelo menos duzentas!

Julia — E é que são l... Esfolhei um malmequer... Deu *nada* (Rindo) Mas não me importa. E as papoilas!... Parecem de sangue!... Em chegando a casa vou mettel-as dentro d'agua...

João Reynaldo — Para quê?... Toma lá trez rosas que valem todo teu ramo.

Julia (rindo sempre) — Não quero. São flores de jardim; não gosto... Andou por ahi mão de gente regando-as, podando as roseiras... Estas são como Nosso Senhor as fez, lindas! lindas! Olha!

João Reynaldo (imitando-a) — Olha!... (Mostrando-lhe umas flores do ramo) Estas congossas, que apanhaste acolá no vallado vê, já murcharam. E as papoilas vão-se fechando, e os malmequeres não tardam... Flores do campo coitadinhas...

Julia (sempre rindo) — Deixal-o... Não quero as tuas.

João Reynaldo — Paciencia. Sempre ha de haver quem m'as agradeça.

Julia (offendida) — Nem brincando...

João Reynaldo — Se as não queres, que te importa?

Julia — E' que ás vezes... Meu pae diz que tu és doido... E, quando uma rapariga é assim como eu, patetinha... Ainda agora te riste de mim, quando eu disse que as flores eram mais de cento e tantas. E' tolice, bem vejo; mas não devias rir. Sou assim como Nosso Senhor me fez... e a ti... assim me entreguei toda. Se tu soubesses... A's vezes, ponho-me a chorar, a lembrar-me de que talvez eu seja na tua vida... a flôr d'um dia.

João Reynaldo — Tontinha! Se toda te plantei com raiz no meu coração. (abraça-a e beija-a).

Julia (muito meiga) — Ias-me fazendo chorar!

D. Placida — Que piegueiras! Nós Augusto Cesar, nunca assim fomos!

Arraiolos — Gente ordinaria, D. Placida, gente ordinaria,

SCENA IV

Os mesmos, FORTUNATO e o GALLEGO

Fortunato — Vamos. Vamos... (*Vendo João Reynaldo a beijar Julia*) Lindo!... E' um pae voltar costas...

Gallego (*entrando com a terrina e cantarolando*) — A xopinha!... A xopinha!

Fortunato — E é o que lhes vale para se livrarem do sermão. (*Na mesma toada do Gallego*) Bamos a ella! Bamos a ella!

Grande galhofa. Arraiolos bate com a bengala na mesa.

Gallego — Prompto!

Fortunato (*que se voltou*) — Olá, sr. Arraiolos! (*Cumprimen-*
tando) Sr.^a Placida!

D. Placida (*baixo*) — E a dar-lhe!

Fortunato — Com que então, tambem não desgosta, um dia ou outro...

Arraiolos — E' verdade, um dia ou outro. (*Para o Gallego*) As contas. (*Outra vez para Fortunato, acentuando muito as syllabas*)... Com a sr.^a D. Placida.

D. Placida (*baixo*) — Toma!

Gallego (*para Arraiolos*) — Um pinto xerto.

Fortunato — Pois nós vamos a umas pescadinhas...

Arraiolos (*para o Gallego*) — Toma lá cinco tostões.

Fortunato — Se são servidos...

Gallego — Sexa por muitos anos e bons.

Arraiolos (*para Fortunato*) — Obrigado, (*para o Gallego*) O vintem. O vintem. Sr. Fortunato, até logo. (*Estende-lhe a mão. O Gallego dá-lhe o vintem, e vae a sair com a bandeja.*)

Fortunato (*dando-lhe a mão*) — A's ordens.

Arraiolos (*saindo com D. Placida pelo F.*) — Um pinto certo! Carregaram. Mas diante do Fortunato preferi calar-me

D. Placida — Deste-lhe uma ensinadella.

SCENA V

JOÃO REYNALDO, JULIA, FORTUNATO
e o GALLEGO

(*Fortunato fica olhando para a mão que deu ao Arraiolos.*)

João Reynaldo (*debaixo da parreira com Julia*) — Senta-te; d'aquí a vista é mais bonita.

Julia — E tu ao pé de mim.

Fortunato — O' rapaz, traze-me uma gota d'agua e uma toalha.

Julia — Que é isso, pae? Olhe que a sopa esfria.